

## **REPRESENTAÇÕES DE ÍNDIOS – REPERTÓRIOS PARA A NACIONALIDADE NA NOVA ORDEM REPUBLICANA-1906/1907**

**Aluna: Ana de Mesquita Toledo**  
**Orientadora: Eunícia Fernandes**

### **Introdução**

O trabalho de pesquisa iniciou pelo periódico “O Malho” microfilmado na Biblioteca Nacional, definido primeiramente em função da acessibilidade, pois vários periódicos que se pretende pesquisar encontram-se indisponíveis ao público. O enfrentamento de tais problemas já consolida os obstáculos da prática de pesquisa em História, na sua íntima relação com arquivos.

Escolhido o periódico, houve a definição de uma distribuição de período a ser trabalhado entre os alunos-pesquisadores. Em meu caso, comecei a busca por imagens em “O Malho” de 1906.

### **Objetivos**

A presente pesquisa pretende mapear imagens de indígenas em periódicos cariocas do período da Primeira República. Procura então estabelecer suportes para uma compreensão das representações sociais acerca do indígena no momento da passagem da Monarquia para República, buscando refletir tanto sobre a definição de cidadania neste período- quais seriam os cidadãos -, como da pertinência do modelo romântico que identificou o indígena como o símbolo da nação.

### **Metodologia**

A maior parte das imagens de 1906 relativas aos índios provém da estória em série de Ângelo Agostini intitulada “As aventuras do Zé Caipora”. Posteriormente, descobri através de pesquisas na internet que se trata de uma das primeiras histórias em quadrinhos do Brasil feita no século XIX e estava sendo reeditada por “O Malho”. Esta série tem dois personagens indígenas que aparecem em grande destaque: Cham-Kam e Inayá. Após o capítulo 50, ambos passam a vestirem-se como os brancos e não são mais tão ativos na trama.

À parte da história em quadrinhos de Ângelo Agostini, encontrei algumas caricaturas com indígenas e cerca de duas propagandas. Em sua maioria, as caricaturas utilizam a imagem do indígena como uma representação do Brasil, seguindo o parâmetro fundado no Império. Nas restantes, o índio é a própria população indígena. Podemos exemplar isto em duas diferentes situações. Uma é sobre a devastação do sertão paulista que gerara confrontos entre “colonos” e populações indígenas. A outra é sobre um grupo de índios que procura emprego na polícia já que “lhes falham aptidões para um labor pesado”. É uma imagem duplamente negativa sobre o índio - como um fraco - e a polícia - como uma repartição incompetente.

Além de procurar, encontrar e catalogar as imagens encontradas, nos foi direcionado que lêssemos e déssemos importância ao conjunto de informações do periódico, numa perspectiva de compreender o significado das imagens em seu contexto e de identificar, naquela fonte, matrizes para outras possíveis pesquisas. Nesse sentido, ainda foi possível ler parte deste periódico observando e analisando acontecimentos outros, pontos de vista e até mesmo um breve perfil do ano de 1906 na visão de “O Malho”. Diversos acontecimentos despertaram mais a minha atenção. Como, por exemplo, “O caso da Panther”, destaque em

muitas caricaturas e matérias de “O Malho” por muitos meses. A “Panther” era uma canhoneira alemã ancorada no litoral catarinense. Um de seus marinheiros, suspeito de deserção, fugira para Itajaí. Sem consultar o governo brasileiro, a tribulação da canhoneira foi procurar o desertor, invadiu o hotel onde este se encontrava, prende-o e retornou ao navio. O caso foi visto por alguns periódicos como uma afronta à soberania nacional brasileira, mas o Barão do Rio Branco não tomou medidas diplomáticas necessárias àquele problema. Uma das caricaturas de indígenas que encontrei tratava justamente deste tema. O Brasil, personificado por um índio, era flechado pelo Barão do Rio Branco. Outro fato que me chamou a atenção, mas ainda não averigüei com detalhes, foi a referência a vários episódios negativos relacionados à polícia, especialmente a paulista. São charges, textos e frases soltas sobre a falta de conduta de policiais em diferentes situações. O suplemento feminino “O Rio Chic” também foi alvo de minha curiosidade por seus comentários sobre moda, culinária, comportamento e assuntos associados à mulher da época.

### **Conclusões**

Analisando as imagens de indígenas do período de 1906 no periódico “O Malho”, deparei-me com um objeto de estudo mais complexo do que imaginava. O indígena é, como já faziam os românticos, a imagem do Brasil e do continente. No entanto, em algumas caricaturas, ele também é a figura do atraso e da barbárie, tanto se relacionando ao índio em si como também ao Brasil como um país que ainda não alcançara o ideal de “civilização” da época. Ao mesmo tempo, como de certa forma nos quadrinho de Agostini, por exemplo, é parte da natureza, uma criatura quase lúdica, distante do mundo “real” e urbano.

A pesquisa com periódicos possibilitou-me questionamentos sobre a história brasileira do período da Primeira República, período este que, anteriormente, não tinha muita familiaridade. Encontrando figuras públicas que apenas conhecia por nomes de ruas como J.J. Seabra, Afonso Pena e Lauro Muller, tornam-se personagens mais “reais” ao ler sobre eles em seu próprio tempo e pesquisá-los para entendê-los melhor. Esta prática acabou sendo um complemento a outras disciplinas relacionadas ao curso de história.

Esta pesquisa permitiu a descoberta efetiva de algumas das práticas utilizadas pelo historiador como a forma de trabalhar os documentos, fichá-los, analisá-los etc. Possibilitou uma maior familiaridade com o uso de um arquivo, no caso os periódicos microfilmados da Biblioteca Nacional. Desta forma, aperfeiçoou a maneira de estudar e analisar história no próprio curso de graduação. É também durante a pesquisa, que acabamos nos auto-conhecendo percebendo aquilo que, além do objeto a ser pesquisado, nos chama a atenção e nos faz analisá-lo com mais cautela.

### **Referências**

- 1 - BARTHES, Roland. “A retórica da Imagem”, In: **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- 2 - BURKE, Peter. “Narrativas Visuais” e “A história cultural”, In: **Testemunha Ocular**. São Paulo: EDUSC, 2004.
- 3 - VELLOSO, Mônica Pimenta. “A caricatura como um dos sinais da história”, In: **Modernismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.